

## Natureza, Origem e Finalidade da Documentação

*Documenter c'est réunir, classer et distribuer des documents de tout genre dans tous les domaines de l'activité humaine.*<sup>1</sup>

**A** NATUREZA DA DOCUMENTAÇÃO. Documentação é uma arte prática, posta em execução por uma irmandade de entusiastas dedicados, cujo diligente e altruístico trabalho contribui, na obscuridade modesta, para o progresso da sociedade, pois este depende do acesso à informação registrada. E a arte da documentação é a arte de coletar, classificar e tornar facilmente acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual. É o processo pelo qual o documentalista pode colocar ante o especialista criador a literatura existente sobre o campo de sua investigação, a fim de que ele possa tomar pleno contacto com as realizações anteriores em seu terreno, e dessa forma evitar a dispersão de esforço na realização de uma tarefa já executada. A documentação origina-se da necessidade de colocar em ordem os processos de adquirir, preservar, resumir e proporcionar, na medida do necessário, livros, artigos e relatórios, dados e documentos de todas as

1. Em francês no original. (Documentar é reunir classificar e distribuir os documentos de todo gênero em todos os domínios da atividade humana.) (N. do T.).

espécies. É o resultado da compreensão do abismo existente entre o preparo de um registro em qualquer esfera de atividade e a colocação desse registro nas mãos daquele que pode usá-lo como base para uma realização nova. O meio principal de registro do progresso obtido nos vários campos do conhecimento é a imprensa periódica, e que se publica de forma tão irregular e incoerente que é impossível, sem a documentação, obter uma visão clara e concisa do progresso que ocorre num determinado ramo do conhecimento, seja grande ou pequeno. Essa desordem reina na produção de documentos de todas as espécies, e para isso a documentação é o remédio necessário.

Podemos observar, desde logo, que a documentação não é mais do que um aspecto da arte maior da biblioteconomia. Trata-se, porém, de um aspecto especial, que requer um estudo especial, pois enquanto a biblioteconomia ocupa-se de todos os aspectos do tratamento dos livros, a tarefa do documentalista consiste em tornar disponível a informação original registrada em artigos de periódicos, folhetos, relatórios, especificações de patentes e outros registros semelhantes. Como o material de que se ocupa é muito mais volumoso, seus métodos devem ser muito mais precisos. Assim, pela sua atuação sem ostentação, o documentalista contribui para a produção dos homens de talento e se torna, por procuração, benfeitor da humanidade.

O trabalho do documentalista proporciona a chave-mestra a que se refere o Visconde de SWINTON em seu prefácio ao *Report of Proceedings of the First Conference on Information Bureaux and Special Libraries*: "O crescimento do conhecimento tem sido notável e sua aplicação evidente em todos os sentidos. Conquanto se reconheça geralmente que "saber é poder", não é menos certo que considerável proporção de conhecimento

acumulado, seja no domínio da ciência, do comércio, sociologia, educação, ou qualquer outro terreno, jaz infelizmente adormecido ou sem utilização.”

“Que tal situação predomine, é realmente de lamentar. Uma quantidade imensa de informações valiosas existe, se soubermos onde localizá-las. O volume do conhecimento moderno está muito acima da capacidade de um grupo, por mais erudito, e torna-se assim necessário proporcionar uma chave-mestra com a qual deve ser aberto esse depósito que pertence a todos.”

*Origem da documentação.* Especialmente no domínio da ciência e da tecnologia, o progresso sem precedentes durante os últimos cem anos produziu um fluxo avassalador de literatura sobre novas invenções e descobertas. Há cem anos, o cientista poderia digerir, sozinho, toda a literatura existente sobre sua especialização. Hoje, só com a utilização de um novo gênero de publicação periódica, que faz resumos da literatura científica corrente, ele pode, sem dificuldade, manter-se informado sobre alguns dos livros e artigos novos que trazem informações sobre o objeto de seu estudo.

Esses periódicos de “resumos” foram a primeira tentativa prática de colocar a informação registrada ao alcance da atenção do investigador original. Constituíram eles a primeira, nem por isso menos importante, tentativa de dar início prático à arte de tornar acessível a massa caótica de informações registradas.

Naturalmente, o *fons et origo* da arte coincide com a época da primeira produção do livro impresso,

“Quando, numa sala sombria, o mecânico solitário  
Modelava as letras na madeira dócil”

+ A classificação é a base fundamental do processo de documentação. Sua origem se deve antes às necessida-

des comuns dos negócios do que às exigências intelectuais. Os catálogos mais antigos que se conhecem, e que descrevem os estoques comerciais dos pais da imprensa, tinham uma classificação rudimentar. Em 1498, ALDUS publicava um catálogo de *Libri Graeci impressi*, que se dividia nas seguintes classes:

- |               |                    |
|---------------|--------------------|
| 1. Grammatica | 4. Philosophica    |
| 2. Poetica    | 5. Sacra Scriptura |
| 3. Logica     |                    |

No Catálogo de ROBERT ETIENNE, publicado em 1546, são incluídas as seguintes classes:

- |               |                 |
|---------------|-----------------|
| 1. Hebraea    | 8. Rhetorica    |
| 2. Graeca     | 9. Oratoria     |
| 3. Sacra      | 10. Dialectica  |
| 4. Profana    | 11. Philosophia |
| 5. Grammatica | 12. Arithmetica |
| 6. Poetica    | 13. Geometrica  |
| 7. Historia   | 14. Medica      |

A evolução dos catálogos comuns de biblioteca foi muito lenta. Considera-se, como primeira classificação destinada antes ao uso dos livros do que à sua venda, a publicada por CONRAD GESNER, em 1548, na forma de índice de assuntos de sua *Bibliotheca Universalis*, sob o título de *Pandectarum sive partitionum universalium, libri XXI*.

Até 1840, nenhuma biblioteca dispunha de meios adequados para proporcionar a verificação de seus recursos de informação sobre determinado assunto. E nenhuma biblioteca estava ainda completamente catalogada. Até então, todas as bibliotecas eram apenas sim-

ples museus de livros onde, segundo palavras de JOHN HALLE, escritas três séculos antes,

“Alguns se deleitam mais apreciando as novas invenções e modas, outros nos trabalhos ancestrais seus estudos realizam.”

Em 1840, porém, os dois principais tipos de catálogo de biblioteca, o de autor e o de assunto, eram geralmente empregados, e os princípios gerais nos quais se devia basear o último haviam sido elaborados, detalhadamente, pelo grande bibliotecário PANIZZI, como mostra o volume único do *Catalogue of Printed Books in the Library of the British Museum*, publicado em 1841.

Nessa época, as vantagens do catálogo classificado por assunto começavam a ser apreciadas por alguns bibliotecários. Em 1859, EDWARD EDWARDS escreveu, em seu conhecido *Handbook of Library Economy*, volume II, p. 755: “Catálogos nesse plano, [alfabético] trazem certamente... o... mérito — pelo menos para certos estudantes — de não exigir qualquer conhecimento de sistemas de classificação. Mas tais méritos têm de ser confrontados com defeitos graves. Necessariamente êsses catálogos terão de ocupar-se antes dos dizeres das páginas de rosto do que com o assunto verdadeiro do livro e, por isso, deixam de proporcionar, de relance, uma idéia, mesmo aproximada, dos livros que possuem sobre determinado assunto. Em certos casos, uma palavra terá diversos significados distintos, e então a pesquisa do leitor estará dificultada por matérias estranhas ao seu objetivo; em outros, um tema é expressável por diversos sinônimos, ou termos pouco precisos, e será necessário o exame dos livros antes que o pesquisador possa ter certeza de que nêles encontrará a informação que busca.

“Como exemplo da primeira dificuldade... façamos com que o leitor procure... [a palavra Estado] na *Bibliotheca Britannica*; encontrará então, entre muitos outros, os títulos seguintes:

Estado, teoria política do  
Estado atual dos métodos na história literária  
Estado civil  
Estados, impérios e principados do mundo  
Estados Unidos<sup>2</sup>

“Obviamente, essa palavra é usada em sentidos diferentes nesses exemplos, o que não representaria nada se apenas êles ocorressem; imaginemos porém... centenas de outros títulos misturados com êstes, e a dificuldade a que nos referimos tornar-se-á evidente.”

Depois de alguns exemplos da segunda dificuldade, EDWARDS conclui que “êsse método alfabético adapta-se muito menos ao corpo principal de um catálogo do que ao seu índice auxiliar”.

Sòmente em 1873 surgiu, com MELVIL DEWEY, a idéia da utilização de uma classificação normalizada, dotada de uma notação decimal e de um índice alfabético dos símbolos, para a ordenação de livros e outros documentos em tôdas as bibliotecas. Anos de estudo convenceram DEWEY de que a utilidade das bibliotecas podia ser aumentada de muito, sem gastos adicionais, pela adoção de uma classificação de assuntos adequada, e pela qual os consulentes pudessem verificar rapidamente quais os documentos nela colecionados sobre o assunto de seu interesse. A *Decimal Classification and Relativ Index*, de DEWEY, foi posta em prática pela primeira vez pela *Amherst College Libra-*

2. Tornou-se necessária, para inteligência do exemplo em português, pequena adaptação no texto original. (N. do T.)

ry, em Amherst, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1873. A classificação foi apresentada como a sua tese de doutorado, em 1875, e publicada pela primeira vez em 1876. Esse importante acontecimento, que representa uma dívida do mundo para com MELVIL DEWEY, assinala o início de uma nova era na organização das bibliotecas. A partir de então, os bibliotecários começaram a realizar sua dupla tarefa de coletar os registros impressos do esforço e do pensamento humano e de tornar acessível a informação registrada sobre um assunto particular.

A primeira edição da classificação de DEWEY compreendia apenas vinte e quatro páginas, a metade das quais era dedicada ao Índice Relativo. Compreendeu-se rapidamente o valor da Classificação, cujo uso se estendeu aos quatro cantos dos Estados Unidos. Novas edições tornaram-se necessárias com frequência, e cada qual mais completa do que a anterior. Já a edição de 1942, a 14.<sup>a</sup>, tem 1.929 páginas e uma gravura, o retrato de seu famoso autor.

A classificação de DEWEY foi introduzida na Inglaterra em 1893, quando a Biblioteca Pública de Ashton-under-Lyne a adotou. Atualmente, é o tipo de classificação mais utilizado pelas bibliotecas. As grandes bibliotecas, em sua maioria, estão hoje completamente catalogadas por autor e muitas dispõem de, pelo menos, um catálogo parcial de assuntos.

*A finalidade da documentação.* Quando a técnica da biblioteconomia estava ainda em processo de evolução, os cientistas já haviam comprovado a necessidade de encontrar uma forma de organizar a crescente massa de estudos individuais divulgados nos periódicos de associações especializadas, e em outras publicações: artigos sobre investigações originais que, por isso, consti-

tuiam a base para qualquer pesquisa posterior. Tais artigos necessitavam de catalogação tanto quanto, ou talvez mais, do que os livros, que consignam apenas um registro sumário da descoberta original, quando os pioneiros já estão muitos anos de pesquisas à frente.

Talvez a primeira sugestão de que se preparasse um catálogo exaustivo de toda a literatura científica periódica tenha sido a feita em 1855 á *British Association* pelo prof. JOSEPH HENRY, de Washington. A sugestão acabou consubstanciando-se no *Catalogue of Scientific Papers*, publicado pela *Royal Society* a partir de 1867. Simultaneamente, começaram a aparecer os *Index to foreign scientific periodicals contained in the Patent Office Library*. O catálogo da *Royal Society* continua sendo feito. Infelizmente, deixou de ser publicado o índice do Departamento de Patentes, com o volume de 1872. É interessante observar que o preparo desses catálogos de artigos obedeceu às mesmas idéias observadas nos antigos catálogos de livros, já que o catálogo da *Royal Society* obedecia à disposição alfabética por autores, e o Índice da Biblioteca do Departamento de Patentes era classificado.

Antes mesmo do catálogo da *Royal Society*, porém, a produção de literatura científica em periódicos aumentara de tal forma que se tornara impossível para o cientista ler toda a literatura de seu ramo de especialização, para manter-se em dia com o progresso. Um novo tipo de publicação tornou-se necessário, para o exame de setores mais ou menos amplos de conhecimento e a sumarização de todas as contribuições de importância surgidas nesse campo, proporcionando assim uma visão de conjunto do progresso. O mais antigo periódico desse tipo foi o *Pharmaceutisches Zentralblatt* (posteriormente, *Chemisches Zentralblatt*) cuja publicação se iniciou em 1830 e prossegue até hoje.

Esse primeiro "periódico de resumos" foi seguido, com o tempo, de muitos outros, cobrindo campos científicos bem definidos, dando resumos das publicações correntes, anotações curtas ou apenas uma referência. Exemplos dessas publicações são o *Quarterly Journal of the Chemical Society* (atualmente *British Abstracts*), iniciado em 1847; o *Zoological Record*, fundado em 1864; e o *Engineering Index*, que começou em 1884. Todos estes continuam sendo publicados.

Dessa forma, desenvolveram-se lado a lado um conjunto de periódicos de resumos, com sumários de artigos atuais, e o catálogo exaustivo da *Royal Society* por autor, dando apenas os títulos de tais artigos.

Os periódicos de resumos dispunham de índices alfabéticos anuais de assunto, que podiam ser fundidos em índices quinquenais ou decenais. Teoricamente, portanto, era possível examinar o que se realizara num determinado setor nos últimos anos. A prática, porém, não confirmou totalmente a teoria. O método alfabético de ordenação foi adotado nesses índices, e ele não se presta muito à indexação por assunto, já que um único assunto pode ser descrito numa grande variedade de combinações de palavras, já que os assuntos correlatos ficam dispersos pelo labirinto alfabético. Assuntos idênticos eram colocados no mesmo índice sob diferentes cabeçalhos, e em lugares diferentes em outros índices, enquanto assuntos semelhantes podiam ser encontrados em quase todo o índice. Essas dificuldades se acentuavam porque tais índices eram publicados em diferentes línguas e países. Para verificar o que se havia escrito sobre um assunto, era necessário compulsar os índices de princípio ao fim. E como são numerosos os periódicos que, dentro de cada especialidade, se dedicam à indexação ou ao resumo, era necessário executar o mesmo trabalho em todos eles. Essa tarefa

era apenas pouco menos trabalhosa do que ler todos os artigos.

Dessa forma, a necessidade da adoção de uma classificação normalizada para a utilização de periódicos de resumos, bem como para livros, tornou-se evidente. É esse o assunto que discutiremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.